



7 • Correio Braziliense — Brasília, quarta-feira, 10 de setembro de 2025

Bolsas Na terça-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na terça-feira	Salário mínimo Últimos	Euro Comercial, venda na terça-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,12% São Paulo	140.993 4/9 5/9 8/9 9/9	R\$ 5,436 (+ 0,35%)	3/setembro 5,452 4/setembro 5,446 5/setembro 5,412 8/setembro 5,417	R\$ 1.518	R\$ 6,364	14,90%	14,90%
0,43% Nova York							Março/2025 0,56 Abril/2025 0,43 Maio/2025 0,26 junho/2025 0,24 Julho/2025 0,26

GUERRA COMERCIAL

Tarifaço tende a ser passageiro

Em conversa com empresários brasileiros, representante do conselho de segurança da Casa Branca mostrou otimismo nas relações comerciais, mas se queixou da insegurança jurídica, que estaria impedindo os investimentos no país

» DENISE ROTHENBURG*
Enviada especial
» ROSANA HESSEL

Denise Rothenburg/CB/D.A. Press



A reunião dos empresários brasileiros com o representante da Casa Branca, Michael Jensen, foi organizado pelo grupo Lide, criado por João Dória

Washington e Brasília – O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, considera o governo brasileiro hostil aos EUA, de acordo com empresários brasileiros que participaram, ontem, de um encontro fechado com um enviado da Casa Branca organizado pelo Milken Institute em parceria com o Lide, em Washington.

Michael Jensen, tenente-coronel aposentado da Força Aérea norte-americana e diretor sênior para o Hemisfério Ocidental do Conselho Nacional de Segurança da Casa Branca, reconheceu que o Brasil é um dos mais antigos parceiros comerciais dos EUA, mas afirmou que é difícil investir no país por causa da insegurança jurídica. Contudo, ele considerou que a questão das tarifas de 50% aplicadas sobre os produtos brasileiros poderá ser passageira, segundo fontes que participaram do encontro.

“Ele foi muito duro e transparente sobre a insegurança jurídica do Brasil ser um desestimulador de investimentos de empresas americanas no Brasil e de que isso tem reflexos na segurança nacional dos EUA”, disse um dos empresários, que participou do encontro. “Ele falou sob a ótica de conselheiro de Segurança Nacional do presidente Trump. Enfatizou que os EUA e o Brasil são países amigos e seus povos, também”, acrescentou. “Ele lembrou ainda que EUA foram o primeiro país que aprovou a Independência do Brasil e que o Brasil foi o único país que lutou na Segunda Guerra Mundial ao lado dos EUA contra o nazismo”, completou.

Na reunião, Jensen ainda defendeu que Brasil e Estados Unidos devem ser países livres e que precisam “andar juntos na região” e, a longo prazo, os dois países devem continuar sendo parceiros.

Segundo ele, os EUA estão “muito interessados em fazer negócio com as empresas brasileiras, mas estão muito preocupados com o ambiente legal”.

Ao comentar sobre a estratégia da administração Trump para a América Latina, em particular, a prioridade é econômica e de segurança. “Um dos principais desafios é construir um relacionamento

comercial de longo prazo. E, agora, o tempo é de turbulência, mas entendo que é um tempo de mudança. Isso não é o fim do mundo”, afirmou o conselheiro, segundo um interlocutor, acrescentando que o presidente norte-americano está aberto para refazer parcerias.

De acordo com os empresários, Jensen ainda disse que “há muita oportunidade para o mundo que

entender as mudanças. Esse é um novo jeito de fazer negócios e estamos focando na vantagem que é ter uma parceria com os EUA”. Ele ainda afirmou que o que os EUA estão fazendo é permitir que o parceiro “faça a sua escolha”. “Se quiser ser nosso parceiro, estará tudo aberto, mas se não, ficará por conta própria”.

Segundo as mesmas fontes, Jensen disse aos empresários brasileiros

que a impressão que os Estados Unidos têm do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva é de que ele é hostil aos EUA e com pouca segurança jurídica, além de afirmar que o ambiente atual não é recomendável para os investimentos. Os empresários viram, nessa declaração, uma clara reprodução do discurso do filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, o deputado Eduardo Bolsonaro

(PL-SP), que está nos EUA desde março, em uma campanha em defesa do pai, que está sendo julgado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por tentativa de golpe.

Uma das principais frases dele foi que “as oportunidades são limitadas pela política”. O militar reforçou que o principal foco do presidente Trump, no momento, está na balança comercial dos Estados Unidos e na importância do uso do dólar no comércio internacional. Segundo as fontes, Jensen ainda defendeu que “o dólar traz estabilidade para as relações comerciais entre os países da região”.

Pix em evidência

Um dos convidados do encontro, Roberto Campos Neto, vice-presidente e diretor global de políticas públicas do Nubank, destacou os avanços do Pix, lançado enquanto ele estava à frente do Banco Central. A plataforma de transferência instantânea é um dos focos de críticas de Trump ao justificar o tarifaço contra o Brasil.

De acordo com Campos Neto, o Pix vem sendo um instrumento importante para alavancar a digitalização das operações financeiras. “A intermediação bancária é muito importante nesse ambiente e o Pix foi o primeiro elemento da estratégia do BC para engajar as pessoas ao ecossistema de digitalização. Eu estou feliz de informar que, nesta semana, o Pix chegou a 290 milhões de transações em um dia. Eu nunca imaginava isso”, disse Campos Neto, lembrando que as projeções iniciais eram de 50 a 60 milhões de transações diárias. Na avaliação do ex-presidente do BC, os avanços da digitalização mostram que nessa nova realidade de transações instantâneas, “a importância da moeda, como o dólar, diminuiu”, porque o custo das operações cambiais tende a diminuir.

*A jornalista viajou a convite do Grupo Lide

EUA engrossam a voz contra o Brasil

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

A porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, admitiu, ontem, a possibilidade de os Estados Unidos utilizarem poderes “econômico e militar” contra o Brasil em defesa da “liberdade de expressão”. Ela foi questionada, durante uma coletiva de imprensa, sobre possíveis novas sanções ao Brasil em decorrência do julgamento de Jair Bolsonaro.

“Não tenho nenhuma ação adicional para antecipar para vocês (imprensa) hoje, mas posso dizer que esta é uma prioridade para a administração, e o presidente não tem medo de usar o poder econômico e o poder militar dos Estados Unidos da América para proteger a liberdade de expressão ao redor do mundo”, afirmou a representante do presidente dos EUA, Donald Trump.

Karoline Leavitt descreveu a liberdade de expressão como “a questão mais importante do nosso

tempo”, e declarou que Trump foi censurado ao retornar à Presidência. “É por isso que tomamos ações significativas em relação ao Brasil, na forma de sanções, e também utilizando tarifas, para garantir que países ao redor do mundo não punam seus cidadãos dessa forma”, declarou.

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil condenou tanto o uso de sanções econômicas como as ameaças de cunho militar contra o Brasil. Em resposta à declaração da porta-voz dos EUA, o Itamaraty afirmou, por meio de nota, que o respeito à “vontade popular expressa nas urnas” e às instituições democráticas compõem os primeiros passos para proteger a liberdade de expressão.

No comunicado, publicado ontem à noite, o Ministério repudiou o que classificou como “tentativa de forças antidemocráticas de instrumentalizar governos estrangeiros para coagir as instituições nacionais”.

Na tarde de ontem, em meio ao julgamento de Bolsonaro e de outros sete réus, a Embaixada dos Estados Unidos no Brasil usou seu perfil no X (antigo Twitter) para criticar o ministro Alexandre de Moraes, relator do caso em que Bolsonaro é réu.

“Dia 7 de setembro marcou o 203º Dia da Independência do Brasil. Foi um lembrete do nosso compromisso de apoiar o povo brasileiro, que busca preservar os valores de liberdade e justiça. Para o ministro Alexandre de Moraes e os indivíduos cujos abusos de autoridade têm minado essas liberdades fundamentais — continuaremos a tomar as medidas cabíveis”, escreveu a embaixada.

Interferência

A chefe da Secretaria de Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, atribuiu as reações do governo norte-americano a

articulações feitas por Eduardo Bolsonaro nos Estados Unidos.

“A conspiração da família Bolsonaro contra o Brasil chegou ao cúmulo hoje, com a declaração da porta-voz de Donald Trump de que os EUA podem usar até força militar contra o nosso país. Não bastam as tarifas contra nossas exportações, as sanções ilegais contra ministros do governo, do STF e suas famílias, agora ameaçam invadir o Brasil para livrar Jair Bolsonaro da cadeia. Isso é totalmente inadmissível”, protestou Gleisi.

Ela também criticou o uso da bandeira da “liberdade de expressão” como espécie de justificativa para cogitar o uso de forças militares contra o Brasil. “Só se for a liberdade de mentir, de coagir a Justiça e de tramar golpe de estado; estes sim, os crimes pelos quais Bolsonaro e seus cúmplices estão sendo julgados no devido processo legal. E o filho, traidor da Pátria, precisa ser cassado!”, respondeu a ministra.

AFF



Karoline Leavitt falou em uso de forças militares como reação